



**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS
NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E
DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE**

**EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF STIS AMONG YOUTH AGED 15 TO 29
YEARS AT UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO:
CHALLENGES AND DETERMINANTS OF VULNERABILITY**

Rejanne Lima ARRUDA
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: rejanne.arruda@ufnt.edu.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7173-2645>

Giselly Santos SILVA
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: giselly.santos@mail.uft.edu.br
ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-1197-322X>

Lígia Linhares Moraes CUNHA
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: ligia.cunha@ufnt.edu.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7752-0336>

Vinícius Alves CARVALHO
Centro Universitário Acadêmico Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)
E-mail: viniciusac98@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0005-9013-3564>

Carolina Galgane Lage MIRANDA
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: carolina.miranda@ufnt.edu.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2003-4342>

RESUMO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) têm sido um fenômeno global, apresentando-se como um dos mais importantes problemas de saúde pública. **Objetivo:** Este estudo apresenta como objetivo analisar a prevalência e os fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre adultos jovens com idades entre 15 e 29 anos atendidos na UBS Palmeiras do Norte da cidade de Araguaína-TO no ano de 2021. **Metodologia:** Estudo quali quantitativo realizado

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE. Rejanne Lima ARRUDA; Giselly Santos SILVA; Lígia Linhares Moraes CUNHA; Vinícius Alves CARVALHO; Carolina Galgane Lage MIRANDA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2024 - MÊS DE AGOSTO- Ed. 53. VOL. 01. Págs. 136-151. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

através da análise dos prontuários de pacientes diagnosticados com alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST's), cujas variáveis analisadas foram: idade, sexo e estado civil, além de informações obtidas em questionários aplicados por agentes de saúde, sendo estas: tipo de IST adquirida, quantidade de parceiros, uso de preservativo e motivo do não uso destes. **Resultados e Discussões:** Foi observado que uma proporção significativa de pacientes do sexo masculino estava infectada com sífilis, HIV e outras ISTs, sendo a sífilis a mais prevalente entre ambos os sexos. A prevalência de ISTs não se correlacionou com o nível de educação, sugerindo outros fatores contribuintes. A orientação heterossexual foi predominante entre os participantes, e o estado civil não influenciou significativamente a prevalência de ISTs. Múltiplos parceiros eram mais comuns entre os homens, com casos extraconjugais. O uso inconsistente de preservativos foi prevalente entre os participantes, com razões para a não utilização incluindo aversão aos preservativos, falta de disponibilidade e recusa do parceiro. **Conclusão:** A partir dos resultados da pesquisa destaca-se a necessidade de intervenções direcionadas para promover práticas sexuais seguras e prevenção de ISTs entre adultos jovens.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Comportamento sexual. Políticas de saúde e educação sexual.

ABSTRACT

Sexually transmitted infections (STIs) have been a global phenomenon, presenting themselves as one of the most important public health problems. **Objective:** This study aims to analyze the prevalence and factors associated with sexually transmitted infections (STIs) among young adults aged between 15 and 29 years old treated at UBS Palmeiras do Norte in the city of Araguaína-TO in 2021. **Methodology:** Qualiquantitative study carried out through the analysis of medical records of patients diagnosed with a Sexually Transmitted Infection (STI), whose variables analyzed were: age, sex and marital status, in addition to information obtained in questionnaires administered by health agents, these being: type of STI acquired, number of partners, use of condoms and reasons for not using them. **Results and Discussions:** It was

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE. Rejanne Lima ARRUDA; Giselly Santos SILVA; Lígia Linhares Moraes CUNHA; Vinícius Alves CARVALHO; Carolina Galgane Lage MIRANDA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2024 - MÊS DE AGOSTO- Ed. 53. VOL. 01. Págs. 136-151. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

observed that a significant proportion of male patients were infected with syphilis, HIV and other STIs, with syphilis being the most prevalent among both sexes. The prevalence of STIs did not correlate with education level, suggesting other contributing factors. Heterosexual orientation was predominant among participants, and marital status did not significantly influence the prevalence of STIs. Multiple partners were more common among men, with extramarital affairs. Inconsistent condom use was prevalent among participants, with reasons for non-use including aversion to condoms, lack of availability, and partner refusal. **Conclusion:** Based on the research results, the need for targeted interventions to promote safe sexual practices and prevention of STIs among young adults stands out.

Keywords: Sexually Transmitted Infections (STIs). Sexual behavior. Health policies And sexual education.

INTRODUÇÃO

Em 2001, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou a substituição do termo "Doenças Sexualmente Transmissíveis" (DST) por "Infecções Sexualmente Transmissíveis" (IST), visando destacar as infecções que podem ocorrer sem apresentar sintomas. São mais de 20 tipos de agentes infecciosos que podem ser transmitidos durante atividades sexuais, incluindo bactérias, parasitas, fungos, leveduras e vírus. Além disso, essas infecções estão entre os problemas de saúde mais frequentes em todo o mundo (Fontes, 2017).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, os jovens entre 15 e 29 anos correspondem a 23% da população brasileira, ou seja, representam mais de 47 milhões de pessoas. É nessa faixa etária em questão que um complexo processo de desenvolvimento biológico, psíquico e social se torna o principal desafio, pois é nessa fase que as influências externas assumem um papel importante na formação de opinião e contribuem para a definição de comportamentos assumidos pelo indivíduo, sobretudo a sua sexualidade (Monteiro, 2016).

Uma pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas (PCAP), realizada pelo Departamento Nacional de DST/AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE. Rejanne Lima ARRUDA; Giselly Santos SILVA; Lígia Linhares Moraes CUNHA; Vinícius Alves CARVALHO; Carolina Galgane Lage MIRANDA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2024 – MÊS DE AGOSTO- Ed. 53. VOL. 01. Págs. 136-151. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

mostrou avanços, mas deixou claro que os comportamentos em relação às DST/AIDS precisam evoluir. Uma falha são as estratégias que fortalecem a proteção informada de indivíduos sexualmente ativos de acordo com suas condições de risco e vulnerabilidade. O estudo aponta que apenas 30,7% dos jovens entre 15 a 24 anos entrevistados utilizavam algum tipo de preservativos em todas as relações sexuais com parceiros fixos, e apenas 49,6% desses usou camisinha em todas as relações sexuais com parceiros casuais, no último ano relativo ao estudo (Brasil, 2011).

Nesse contexto, foi escolhida a cidade de Araguaína-TO para a realização deste estudo pela falta de publicações recentes a esse respeito, evidenciando uma carência no cuidado com um assunto tão fragilizado quanto o exposto. De maneira mais precisa foi escolhida a Unidade Básica de Saúde Palmeiras do Norte para a realização da maior parte desse estudo por conta do alto índice de ISTs na região e, mais uma vez, pela falta de estudos dirigidos a essa população, com essa faixa etária de 15 a 29 anos que é classificada como “jovem” para a OMS, por conta de pesquisas que enfatizam que a faixa com maior grau de vulnerabilidade é justamente essa, atingindo a população jovem em toda a sua amplitude.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entre adolescentes e jovens, vários fatores os colocam em maior risco para as ISTs, incluindo condições desfavoráveis para o rastreamento, falta de uso de preservativos, início precoce da atividade sexual, baixo nível educacional, uso de álcool e drogas ilícitas, e falta de orientação familiar adequada (Oliveira et al., 2022). Isso porque, na adolescência - fase de transição marcada por mudanças biológicas e busca por identidade -, experiências sexuais, muitas vezes, ocorrem sem orientação adequada, devido à insegurança, à influência dos meios de comunicação e à falta de informação sobre sexualidade e ISTs (Brasil, 2002).

Essa combinação de fatores pode aumentar a vulnerabilidade dos jovens às infecções virais e bacterianas, ressaltando a importância de abordagens educativas abrangentes e acessíveis para promover uma vivência saudável da sexualidade e reduzir os riscos de infecções nessa fase crucial do desenvolvimento humano. Atualmente, o Brasil é constituído por uma população considerada, em sua grande

maioria, jovem, correspondendo a, aproximadamente, 50 milhões de pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos (Brasil, 2019). Nessa perspectiva, dada a prevalência da esfera juvenil, é válido analisar, conforme apontado pelo Ministério da Saúde, as principais infecções sexualmente transmissíveis que acometem esse âmbito.

Sendo assim, a Sífilis é uma IST causada pela bactéria *Treponema pallidum*, com manifestações clínicas variáveis dependendo do estágio da doença. A transmissão ocorre principalmente por contato sexual direto, sendo possível também a transmissão vertical da mãe para o feto. A visualização da bactéria é feita por microscopia de campo escuro. Os sintomas podem variar de lesões genitais ulceradas a manifestações sistêmicas tardias, com diagnóstico baseado em testes imunológicos treponêmicos e não treponêmicos (Goldman; Ausiello, 2012).

O *Treponema pallidum* promove uma infecção de natureza multifacetada, a qual atravessa vários estágios clínicos distintos, cada um com suas próprias características e manifestações. No estágio primário, surge o cancro duro, uma lesão ulcerada indolor que aparece no local de inoculação da bactéria, geralmente nos órgãos genitais. A seguir, na fase secundária, os sintomas tornam-se mais sistêmicos, com erupções cutâneas características, febre, mal-estar e dor nas articulações, indicando uma disseminação mais ampla da infecção (Kurma et al, 2010).

A sífilis latente, por sua vez, é caracterizada pela ausência de sintomas clínicos visíveis, embora a pessoa permaneça infectada e possa transmitir a doença mesmo sem sintomas aparentes. Por fim, a sífilis terciária representa o estágio mais avançado da doença, afetando órgãos internos como coração, cérebro, nervos e ossos, podendo causar complicações graves e debilitantes se não for tratada. Além dos estágios clínicos, a sífilis durante a gravidez pode ter impactos graves, podendo ser transmitida ao feto e causar uma série de complicações graves. O diagnóstico precoce e o tratamento adequado são fundamentais para prevenir complicações e interromper a transmissão da doença, sendo essencial para o controle eficaz da sífilis (Goldman; Ausiello, 2012).

Ademais, a *Neisseria gonorrhoeae* é um patógeno exclusivamente humano, sem reservatório conhecido em animais ou no ambiente. Seu sucesso como patógeno humano é atribuído a diversos fatores de virulência, incluindo uma notável variedade de fatores que permitem sua adaptação aos tratos genitais masculino e feminino, alta

variação antigênica e habilidade de subverter o sistema imunológico. A infecção primariamente afeta o epitélio colunar, com a bactéria penetrando o tecido submucoso após ligação ao epitélio mucoso. Isso desencadeia uma resposta inflamatória vigorosa, resultando em descamação do epitélio, formação de microabscessos submucosos e exsudato. Nos homens, a uretrite gonocócica é a manifestação principal, frequentemente apresentando-se com disúria e secreção purulenta, enquanto nas mulheres, a maioria das infecções genitais é assintomática, embora a cervicite gonocócica possa manifestar-se com prurido vaginal e secreção cervical mucopurulenta. Complicações incluem epididimite unilateral aguda em homens e doença inflamatória pélvica em mulheres, que pode levar à infertilidade se não tratada (Who, 2014).

O diagnóstico laboratorial da gonorreia é geralmente feito por cultura ou amplificação do DNA, e o diagnóstico diferencial inclui outras infecções sexualmente transmissíveis. O tratamento é baseado em antibióticos, embora a resistência crescente aos antimicrobianos seja uma preocupação crescente (Fauci et al, 2008).

Outrossim, o Papilomavírus humano (HPV) destaca-se como um vírus de DNA que pode causar uma variedade de lesões proliferativas na região anogenital. Com mais de 200 tipos descritos, cerca de 40 infectam o trato anogenital, e pelo menos 20 estão associados ao câncer cervical. A infecção pelo HPV é uma das IST mais comuns, com um risco estimado de 15% a 25% a cada nova parceria, sendo frequentemente assintomática e transitória. Os tipos de HPV são divididos em baixo e alto risco oncogênico, com os últimos associados a lesões precursoras de câncer. A infecção persistente por tipos de alto risco aumenta o risco de desenvolvimento de neoplasias. O ciclo de replicação viral está ligado à diferenciação epitelial, com predileção por tecidos queratinizados anogenitais. Os vírus E6 e E7 estão associados ao desenvolvimento de câncer cervical. A infecção pode ser latente, subclínica ou clínica, com as verrugas genitais sendo a forma mais comum de apresentação. O diagnóstico pode ser clínico ou confirmado por biópsia, com testes de triagem disponíveis. O tratamento visa remover as lesões, mas não erradica a infecção. Opções incluem agentes químicos, procedimentos cirúrgicos ou crioterapia. A prevenção é crucial e inclui o uso de preservativos e a vacinação contra os tipos mais comuns de HPV. O

rastreamento regular é recomendado para detectar lesões precursoras de câncer, especialmente em mulheres (Mcintosh et al, 2013).

A herpes simples é uma infecção viral causada pelos vírus herpes simplex tipo 1 (HSV-1) e tipo 2 (HSV-2), sendo o HSV-1 mais associado ao herpes oral e o HSV-2 ao herpes genital (Clemens; Farhat, 2010). Globalmente endêmica, a infecção por HSV tem prevalência mais alta em países de baixa e média renda, afetando cerca de 67% da população mundial com o HSV-1. No Brasil, a soroprevalência varia, sendo heterogênea em diferentes regiões. A transmissão ocorre por contato oral-oral, oral-genital ou genital-genital para o HSV-1 e principalmente por contato sexual para o HSV-2, mesmo durante períodos assintomáticos. A infecção estabelece-se nos gânglios nervosos, onde permanece latente e pode ser reativada, resultando em sintomas recorrentes. O diagnóstico é baseado em sintomas clínicos, exame físico e testes laboratoriais como cultura viral, PCR e testes de anticorpos. Embora não haja cura, o tratamento visa aliviar os sintomas e reduzir a frequência e gravidade das recorrências, enquanto práticas sexuais seguras podem ajudar a prevenir a transmissão.

A AIDS (do inglês, Acquired Immunodeficiency Syndrome, ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), resultante da infecção pelo vírus HIV - vírus da imunodeficiência humana-, é caracterizada pela diminuição significativa do número de linfócitos Th (CD4+), responsáveis pelo controle do sistema imunológico adaptativo (Chaves et al, 2014). Isso leva a uma imunodeficiência profunda, tornando o corpo vulnerável a uma série de doenças oportunistas que, em indivíduos saudáveis, seriam facilmente combatidas. Ter o HIV não é o mesmo que ter AIDS, pois muitos soropositivos vivem anos sem sintomas. Contudo, todos os pacientes soropositivos podem transmitir o vírus principalmente por contato de fluidos corporais, como sexo sem proteção e compartilhamento de seringas. No Brasil, a infecção pelo HIV e a AIDS são de notificação compulsória, com a maioria dos casos concentrada em adultos jovens. Isso porque pacientes recentemente infectados pelo HIV são altamente contagiosos, e a carga viral no sangue correlaciona-se com o risco de transmissão (Brasil, 2012).

Nos últimos vinte e cinco anos, a AIDS tornou-se uma epidemia global, inicialmente associada principalmente aos homossexuais, mas logo identificada como

resultante de relações sexuais, tanto heteroafetivas, quanto homoafetivas (BRASIL, 2016). Atualmente, não há cura para a infecção pelo HIV, mas o tratamento com antirretrovirais tem sido eficaz, levando a um estado conhecido como paciente soropositivo indetectável, onde a carga viral no sangue é tão baixa que os testes sorológicos não conseguem detectar o vírus, reduzindo significativamente o risco de transmissão. Embora tenham ocorrido avanços significativos no tratamento e na conscientização, ainda há lacunas importantes na proteção de indivíduos sexualmente ativos, especialmente entre os jovens, em relação ao uso de preservativos e à conscientização sobre ISTs (Une, 2002).

Por fim, a *Chlamydia trachomatis* também requer destaque, uma vez que se trata de uma bactéria gram-negativa que causa infecções sexualmente transmissíveis em todo o mundo. A clamídia pode ser transmitida por meio do contato sexual e também pode ocorrer transmissão vertical da mãe para o bebê durante a gestação. Nas mulheres, afeta mais frequentemente o colo do útero, sendo a doença inflamatória pélvica (DIP) a complicação mais comum, o que pode contribuir para o risco de gravidez ectópica e infertilidade futura. Nos homens, é uma causa comum de uretrite não gonocócica. A infecção por clamídia é uma das infecções bacterianas mais comuns, com milhões de casos em todo o mundo. No Brasil, não existem dados epidemiológicos precisos devido à falta de programas de rastreamento e notificação obrigatória. No entanto, nos Estados Unidos, é relatada como a causa mais comum de uretrite em homens e cervicite em mulheres, afetando principalmente pessoas entre 15 e 24 anos. Os principais fatores de risco incluem ter um novo parceiro sexual ou múltiplos parceiros sexuais, história prévia de infecção por clamídia ou outras ISTs e uso inconsistente de preservativo (Who, 2006).

Essas informações destacam uma situação particularmente preocupante: embora os jovens ainda usem preservativos em maior proporção do que os grupos mais velhos, seu uso ainda não é consistente, revelando uma grande vulnerabilidade em relação ao comportamento sexual e a outros fatores socioeconômicos. Portanto, é crucial realizar estudos que identifiquem os problemas enfrentados e que levem ao desenvolvimento de políticas públicas e investimentos culturais visando resolver essas questões, com medidas sólidas e de longo prazo para mudar o comportamento dos

jovens. É fundamental encontrar abordagens que demonstrem a eles que o uso de preservativos não é apenas necessário, mas, também, prazeroso no dia a dia.

Outro aspecto que merece atenção é o avanço dos métodos contraceptivos nos últimos anos. Anteriormente, quando o acesso a esses métodos era limitado até a década de 80, o preservativo era uma das poucas opções, o que, de certa forma, incentivava seu uso. No entanto, com o surgimento de novos métodos contraceptivos, como pílulas, implantes subcutâneos, dispositivos intrauterinos (DIU) e adesivos hormonais, o uso do preservativo tem sido gradualmente negligenciado. O problema é que essa evolução tecnológica não foi acompanhada por mudanças suficientes no comportamento, especialmente em relação ao sexo desprotegido. Nesse viés, ainda não existem métodos amplamente eficazes contra a transmissão de ISTs, além do preservativo, como muitos acreditam. Dessa maneira, uma das poucas soluções de curto prazo é a mudança de atitude e comportamento, especialmente considerando o conhecimento da juventude brasileira sobre as ISTs e o sexo desprotegido.

Nesse contexto, a compreensão dos motivos pelos quais os jovens são considerados uma população de risco, incluindo seus conhecimentos, atitudes e práticas, é fundamental para criar bases sólidas para a elaboração, implementação e avaliação de políticas de saúde contra as ISTs. Além disso, pode-se estimular a iniciativa privada a encontrar maneiras de lidar com essa situação, promovendo uma transformação e a adoção de hábitos sexuais, reprodutivos ou não, mais saudáveis. Com base nisso, a UNESCO oferece algumas recomendações, como fornecer treinamento em temas como adolescência, sexualidade, IST/AIDS e uso de drogas para profissionais que lidam com jovens, estimular a organização das populações vulneráveis ao HIV para promover sua inclusão e participação na formulação de políticas, e garantir o acesso a serviços de saúde e educação para essas populações.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualiquantitativo, onde o levantamento e a captura dos dados foram realizados mediante uma observação indireta focada em estudar a quantidade e se havia jovens na faixa etária de 15 a 29 anos que possuíam ou tinham infecções sexualmente transmissíveis no ano de 2021. Portanto, foram incluídos na

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE. Rejanne Lima ARRUDA; Giselly Santos SILVA; Lígia Linhares Moraes CUNHA; Vinícius Alves CARVALHO; Carolina Galgane Lage MIRANDA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2024 – MÊS DE AGOSTO- Ed. 53. VOL. 01. Págs. 136-151. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

pesquisa toda a população dos indivíduos que passaram nos critérios de inclusão, expostos abaixo.

Incluiu-se indivíduos que tiveram algum tipo de IST no período de janeiro a dezembro de 2021, tendo sido ela tratada ou não. Foram dispensados a coleta de dados de indivíduos que não tenham contraído nenhum tipo de IST ao longo desse período. Ademais, observou-se os prontuários dos pacientes de 15 a 29 anos que apresentam ou apresentaram infecções sexualmente transmissíveis em 2021 e foi feito um levantamento qualiquantitativo dos casos prevalentes na Unidade Básica de Saúde Palmeiras do Norte, em Araguaína/TO, constituindo, assim, um estudo retrospectivo.

Informações básicas desses indivíduos como: idade, sexo e estado civil foram coletadas, através da análise dos prontuários de pacientes da Unidade Básica de Saúde alvo, além disso as informações relevantes para a pesquisa: tipo de IST adquirida, quantidade de parceiros, uso de preservativo e motivo do não uso destes, foram coletadas mediante questionário aplicados por agentes de saúde do bairro, o qual encontrava-se anexado nos prontuários dos pacientes com diagnóstico positivo para alguma IST.

Os resultados foram tabulados e convertidos em tabelas para sintetizar e reunir informações de modo organizado e conciso, para a análise e processamento desses dados foi utilizado o programa computacional Microsoft Excel.

O trabalho foi submetido e aprovado pelo CEP do UNITPAC com número de Parecer: 5.076.844.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados ocorreu no mês de abril de 2022. Inicialmente, foram avaliados 255 prontuários de pacientes potencialmente úteis para a pesquisa. No entanto, após uma análise detalhada, 100 prontuários foram descartados por estarem fora da faixa etária estabelecida, e 131 por apresentarem resultados negativos nos testes para Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Assim, a análise concentrou-se nos 24 pacientes que apresentaram a combinação de idade e resultados positivos para ISTs, sendo estes os alvos específicos da pesquisa, dos quais 11 eram do sexo feminino e 13 do sexo masculino.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE. Rejanne Lima ARRUDA; Giselly Santos SILVA; Lígia Linhares Moraes CUNHA; Vinícius Alves CARVALHO; Carolina Galgane Lage MIRANDA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2024 – MÊS DE AGOSTO- Ed. 53. VOL. 01. Págs. 136-151. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

Os dados apresentados na Tabela 1 evidenciam uma disparidade significativa entre as infecções observadas em pacientes do sexo feminino e masculino. Enquanto nenhum paciente do sexo feminino apresentou outras infecções além de sífilis, uma proporção considerável, ou seja, 84,6% dos pacientes do sexo masculino, estavam infectados com sífilis. Ademais, 38,5% desses homens testaram positivo para HIV, 7,7% foram diagnosticados com Hepatite B e 7,7% com Hepatite C. É relevante ressaltar que 12,5% dos pacientes do sexo masculino apresentaram múltiplas infecções, explicando o somatório de contágios superior à quantidade total de pacientes.

Tabela 1: Dados coletados por sexo

| | MULHERES | | HOMENS | |
|-------------------------------------|----------|------|--------|------|
| | N | % | N | % |
| IST's | | | | |
| Sífilis | 11 | 100 | 11 | 84,6 |
| HIV | 0 | 0 | 5 | 38,5 |
| Hepatite B | 0 | 0 | 1 | 7,7 |
| Hepatite C | 0 | 0 | 1 | 7,7 |
| Estado civil | N | % | N | % |
| Casado/Estável | 5 | 45,5 | 8 | 61,5 |
| Solteiro | 6 | 54,5 | 5 | 38,5 |
| Escolaridade | N | % | N | % |
| 4 a 7 anos concluídos | 4 | 36,4 | 2 | 15,4 |
| 8 a 11 anos concluídos | 1 | 9,1 | 3 | 23,1 |
| 12 ou mais anos concluídos | 6 | 54,5 | 8 | 61,5 |
| Orientação sexual | N | % | N | % |
| Heterossexual | 10 | 90,9 | 6 | 46,2 |
| Homossexual | 1 | 9,1 | 6 | 46,2 |
| Bissexual | 0 | 0 | 1 | 7,7 |
| Nº de parceiros (último ano) | N | % | N | % |
| 1 | 9 | 81,8 | 4 | 30,8 |
| 2 a 4 | 0 | 0 | 7 | 53,8 |
| 5 a 10 | 2 | 18,2 | 1 | 7,7 |
| Mais de 10 | 0 | 0 | 1 | 7,7 |
| Usa preservativo? | N | % | N | % |
| Sempre | 1 | 9,1 | 2 | 15,4 |
| Nunca | 5 | 45,5 | 4 | 30,8 |
| Às vezes | 5 | 45,5 | 7 | 53,8 |

Fonte: Autor, 2024

Ao analisar o panorama geral, constata-se que 91,7% dos pacientes, considerando ambos os sexos, estavam infectados com sífilis, enquanto 38,5% eram portadores de HIV. Esses números evidenciam que os pacientes do sexo masculino estiveram mais suscetíveis às infecções sexualmente transmissíveis, apresentando uma taxa de contágio cerca de 38% maior que as mulheres, mesmo considerando a discrepância na quantidade de pacientes analisados em cada grupo de gênero.

Ademais, ao analisar a prevalência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) de acordo com o estado civil dos participantes, verificou-se que, dos 24 indivíduos estudados, 54,2% eram casados e 45,8% solteiros. Dentro desses grupos, observou-se a inclusão de 5 mulheres casadas e 6 solteiras, assim como 8 homens casados e 5 solteiros. Essa distribuição equitativa sugere que o estado civil não foi um fator determinante para o contágio por ISTs.

Posteriormente, foi examinada a relação entre escolaridade e a prevalência de ISTs. Surpreendentemente, constatou-se que 58,3% dos participantes possuíam mais de 12 anos de estudo, equivalente ao ensino médio completo. Por outro lado, apenas 25% tinham de 4 a 7 anos de estudo, e 16,7% de 8 a 11 anos de estudo. Esses resultados indicam que uma maior escolaridade não se mostrou como um fator de proteção contra o contágio por ISTs, contradizendo o que frequentemente é encontrado na literatura. Foram levantadas duas possíveis explicações para essa discrepância: primeiro, o fato de que a Unidade Básica de Saúde analisada está localizada em um bairro mais abastado da cidade, o que pode ter influenciado na composição educacional dos pacientes; segundo, devido ao tamanho relativamente pequeno da amostra, o desvio padrão pode ter sido muito alto, resultando em divergências nos resultados.

Também foi investigada a orientação sexual dos participantes para compreender sua relação com as ISTs e se o paradigma de que os homossexuais estariam mais propensos ao contágio se confirmaria. Ao examinar os dados, constatou-se que 90,9% das mulheres e 46,2% dos homens eram heterossexuais, enquanto 9,1% das mulheres e 46,2% dos homens eram homossexuais. Apenas um participante se identificou como bissexual. No total, 66,7% dos participantes eram heterossexuais e 29,2% homossexuais. Esses resultados indicam que a orientação sexual também teve pouco impacto no resultado final. De fato, a predominância de participantes

heterossexuais no estudo sugere que o paradigma de que os homossexuais estariam mais expostos a ISTs está, no mínimo, desatualizado.

Os participantes foram categorizados com base no número de parceiros sexuais no último ano. Foi notado que uma maioria significativa de mulheres, ou seja, 81,8%, relataram ter tido apenas um parceiro, enquanto apenas 30,8% dos homens afirmaram o mesmo. Em contraste, a maioria dos homens, cerca de 53,8%, indicou ter tido de 2 a 4 parceiros nos últimos 12 meses. Essa tendência de maior multiplicidade de parceiros entre os homens é notável. Quando consideramos que uma porcentagem significativa dos homens (61,5%) relatou estar casados, torna-se interessante observar que pelo menos metade dos homens casados admitiram ter tido relações extraconjugais. Isso reforça o achado anterior de que os homens apresentam uma prevalência 38% maior de ISTs em comparação com as mulheres analisadas.

Além disso, foi realizada uma análise sobre o uso de preservativo por esses pacientes. Verificou-se que 50% deles afirmaram usar preservativo às vezes, enquanto 37,5% relataram nunca ter utilizado camisinha. Apenas 12,5% relataram fazer uso deste em todas as relações sexuais. Esse dado é um tanto controverso, considerando que todos os pacientes tiveram contaminação por via sexual. Confirma-se, portanto, que o não uso de preservativo expõe o indivíduo às ISTs, tendo em vista que teoricamente 87,5% deles não utilizavam camisinha em todas as relações.

Tabela 2 - Relação sobre o uso de preservativo entre ambos os sexos.

| Usou preservativo na última relação? | N | % |
|---|----------|----------|
| Sim | 1 | 4,2 |
| Não | 23 | 95,8 |
| Por que não usou? | N | % |
| Não gosta | 13 | 54,2 |
| Parceiro não aceita | 2 | 8,3 |
| Não dispunha no momento | 9 | 37,5 |
| Confia no parceiro | 2 | 8,3 |

Fonte: Autor, 2024

Por último, conforme apontado na Tabela 2, foi questionado os motivos pelos quais os 23 pacientes relataram não ter utilizado preservativo em sua última relação sexual, descobriu-se que 54,2% deles afirmaram não gostar do uso do preservativo. Adicionalmente, 37,5% mencionaram não ter um preservativo disponível no momento, enquanto 16,6% indicaram que o parceiro não aceitava o uso do preservativo ou que confiavam tanto no parceiro a ponto de dispensar o seu uso.

Esses resultados evidenciam uma visão negativa em relação ao uso do preservativo entre os participantes. Especialmente considerando a lida com pacientes jovens, torna-se claro que a ansiedade e o desejo de experimentar sensações diferentes desempenharam um papel crucial na maior exposição desses pacientes às ISTs. A falta de disponibilidade de preservativo sugere uma certa casualidade ou falta de planejamento em relação às relações sexuais. Enquanto casais mais velhos tendem a ter mais preparação e planejamento em relação ao momento e local das relações sexuais, os casais mais jovens muitas vezes se envolvem em relações de forma repentina e, conseqüentemente, desprotegida, o que os expõe a um maior risco de infecções.

CONCLUSÃO

Destaca-se que a realização da presente pesquisa fora julgada bem-sucedida pelos autores, visto que foram elencados diversos fatores contribuintes para a prevalência de ISTs entre jovens. Quanto aos fatores limitantes para essa pesquisa, não se destaca nenhum, visto que houve aprovação do CEP e consentimento da Secretaria Municipal de Saúde. Estimou-se uma média de 20 participantes, a qual foi alcançada. O tempo não foi fator limitador, uma vez que foi possível coletar os dados e realizar a análise e discussão dos dados no tempo estimado.

Dentre os principais pontos encontrados, destacam-se a não relação entre escolaridade e prevalência de ISTs, que o homossexual não pode ser considerado mais vulnerável, e que se evidenciou uma vulnerabilidade 38% maior entre homens, em parte respondido pela multiplicidade de parceiros. Também pode-se concluir que a falta do uso de preservativo foi um fator decisivo para a alta prevalência de ISTs entre esses jovens.

A construção da presente pesquisa possibilitou aos autores apropriar-se de novos conhecimentos, em decorrência da comprovação da hipótese que foi testada, pois através da análise e discussão dos dados foi possível verificar alguns fatores que levam à maior vulnerabilidade de jovens para o contágio por ISTs.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA)**. Juventude Levada em Conta – Demografia. Brasília, 2013. Acessado em 28 de maio de 2019.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Departamento Nacional de DST/AIDS e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico - AIDS e DST. Brasília: MS, Departamento Nacional de DST/Aids e Hepatites Virais, 2012.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Departamento Nacional de DST/AIDS e Hepatites Virais. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas relacionada às DST e Aids da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade. Brasília: MS, Departamento Nacional de DST/Aids e Hepatites Virais, 2011.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Manual Técnico de Elaboração da Cascata de Cuidado Contínuo. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/es/node/64313> Acesso em: 2 de janeiro de 2024.

CHAVES, C. P. C.; BEZERRA, E. O.; PEREIRA, M. L. D.; WAGNER, W. Conhecimento e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Rev Bras Enferm**, v. 67, n. 1, p. 48-53, jan/mar. 2014.

CLEMENS, S. A. C.; FARHAT, C. K. Soroprevalência de anticorpos contra vírus herpes simples 1-2 no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 4, p. 726-734, ago. 2010.

FAUCI AS, BRAUNWALD E, KASPER DL, HAUSER SL, LONGO DL, et al. Harrison – **Medicina Interna**. 17ª ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2008.

FONTES, Miguel Barbosa et al. **Saúde Sexual e Reprodutiva dos Jovens Brasileiros**. São Paulo: Instituto Social CAIXA SEGUROS, 2015. 40p.

GOLDMAN, Lee; AUSIELLO, Dennis. Cecil. **Medicina Interna**. 24. ed. Saunders - Elsevier, 2012.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE. Rejanne Lima ARRUDA; Giselly Santos SILVA; Lígia Linhares Moraes CUNHA; Vinícius Alves CARVALHO; Carolina Galgane Lage MIRANDA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2024 – MÊS DE AGOSTO- Ed. 53. VOL. 01. Págs. 136-151. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

KURMA V, ABBAS A, FAUSTO N. ROBBINS E COTRAN – **Patologia** – Bases Patológicas das Doenças. 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MCINTOSH, Esther M et al. **A Qualitative Research Study on HIV Vulnerability among Young Key Affected Populations in Guyana**. Georgetown: UNICEF, 2013. 169p.

MONTEIRO, S. S.; BRANDÃO, E.; VARGAS, E.; MORA, C.; SOARES, P.; DALTRO, E. Discursos sobre sexualidade em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n.1, p. 137-146, nov/jan. 2016.

OLIVEIRA, O. al. Associação entre vulnerabilidade social e risco a IST na região metropolitana de Belém, Pará, Brasil. **The Brazilian journal of infectious diseases**, v. 26, n. 102167, p. 102167, 2022. Disponível em: <https://www.bjid.org.br/enassociacao-entre-vulnerabilidade-social-e-articulo-resumen-S141386702100636X>. Acesso em: 2 fev. 2024.

SOUSA, M. A. et al. Prevalência de indicadores de saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes brasileiros: Análise comparativa da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015 e 2019. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 26, 2 dez. 2022.

UNITED NATIONS EDUCATION, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION; UNITED NATIONS PROGRAM ON HIV/AIDS. **AIDS: o que pensam os jovens**. Brasília: UNESCO - UNAIDS, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Evidence-to-Action Brief**. Sexually Transmitted Infections: Implementing The Global Sti Strategy. Geneva -Switzerland, 2017, 8p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Strategy For The Prevention And Control Of Sexually Transmitted Infections: 2006–2015**. Geneva - Switzerland, 2006, 61p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexually Transmitted Infections (STIs)**. The importance of a renewed commitment to STI prevention and control in achieving global sexual and reproductive health. Geneva - Switzerland, 2014, 8p.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS ISTS ENTRE JOVENS DE 15 A 29 ANOS NA UBS PALMEIRAS DO NORTE, ARAGUAÍNA/TO: DESAFIOS E DETERMINANTES DA VULNERABILIDADE. Rejanne Lima ARRUDA; Giselly Santos SILVA; Lígia Linhares Moraes CUNHA; Vinícius Alves CARVALHO; Carolina Galgane Lage MIRANDA. **JNT Facit Business and Technology Journal**. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2024 – MÊS DE AGOSTO- Ed. 53. VOL. 01. Págs. 136-151. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.